O. PALMER ROBERTSO

PRIMEIRO CAPÍTULO GRÁTIS

A Palavra Final.

RESPOSTA BÍBLICA À QUESTÃO DAS LÍNGUAS E PROFECIAS HOJE

AΩ

A PALAVRA FINAL

Resposta Bíblica à Questão das Línguas e Profecias Hoje

O. Palmer Robertson

OS PURITANOS

A Palavra Final— O. Palmer Robertson
Traduzido do original em Inglês: The Final Word.

Traduzido e Publicado no Brasil com a devida autorização.
© 2014, Editora os Puritanos.

1.ª Edição em Português — Março de 1999 – 2.000 exemplares.
1.ª Edição Digital em Português — Dezembro de 2014.
2.ª Edição em Português — Abril de 2015 – 1.000 exemplares.

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação sem a autorização por escrito do editor, exceto citações em resenhas.

EDITOR: Manoel Canuto
TRADUTOR: Valter Graciano Martins
REVISOR: Waldemir Magalhães
DESIGNER: Heraldo Almeida

ISBN: 978-85-62828-28-7

Sumário

A Palavra Final

Capítulo 1 — Profecia Hoje?

1. A Origem da Profecia Segundo o Velho Testamento 7

2. Passagens Fundamentais Sobre Profecia no Velho Testamento 11

3. Profecia Sobre Profecia no Velho Testamento 17

4. O Testemunho de Pedro e Paulo Concernente à Profecia 20

5. Conclusão 26

Capítulo 2 — Línguas Hoje?

1. As Línguas no Novo Testamento Eram Revelacionais 30

2. As Línguas no Novo Testamento eram Idiomas Estrangeiros 41

3. As Línguas no Novo Testamento Eram para Uso Público, Não Privativo 45

4. As Línguas no Novo Testamento Eram um Sinal indicando uma mudança radical na direção da história redentiva 50

5. Conclusão 59

Capítulo 3 — Revelação Hoje?

1. Em Que Sentido a Revelação Cessou? 63

2. A História da Cessação da Revelação 70

3. Objeções ao Conceito da Cessação da Revelação 88

Capítulo 4 — Corrente Defesa da Continuidade da Revelação

1. Este Conceito Assevera Que a Revelação Continua Hoje *99*

2. Este Conceito se Sustenta "Por um Fio" Exegético *108*

3. Este Conceito Rebaixa uma Venerável Instituição com uma Impecável História para um Estado de Má Reputação..... *132*

4. Este Conceito Introduz no Culto um Fator de Incerteza *136*

5. Este Conceito Tem o Potencial de Gerar Questionamento Acerca de Outras Revelações Proféticas Provindas de Deus..... *137*

Capítulo 5 — Conclusão

Conclusão *141*

Índice Onomástico e Temático

Índice Onomástico e Temático *151*

Índice de Referências da Escritura

Índice de Referências da Escritura..... *161*

Capítulo 1

Profecia Hoje?

1. A Origem da Profecia Segundo o Velho Testamento

A profecia bíblica teve suas origens no Velho Testamento, o que é algo importante. Profecia não é um fenômeno específico do Novo Testamento, mas algo que recua às mais antigas experiências do povo de Deus. Mas, quando e onde a profecia surgiu pela primeira vez? Surpreendentemente, a profecia não teve suas origens na época das grandes figuras do oitavo século a.C., tais como Isaías, Miqueias e Oseias. Na verdade, a profecia teve início num cenário muito mais antigo.

O movimento profético, no Velho Testamento, originou-se com Moisés. Na realidade, a profecia veterotestamentária alcançou seu ponto de maior glória em Moisés. Opondo-se a todos os conceitos que apontam uma evolução de desenvolvimento à religião em Israel, o ponto culminante do movimento profético encontrou sua expressão em Moisés, o profeta e legislador original em Israel. Ele desempenhou um papel singular como mediador da Palavra de Deus em relação ao povo de Israel.

Nos dias anteriores a Moisés, Deus falou pessoalmente aos líderes das várias famílias patriarcais. O chefe paterno comunicaria, então, a Palavra de Deus a seu clã. Como,

porém, iria Deus comunicar sua palavra a uma hoste de mais de um milhão de pessoas quando saíram do Egito? O Senhor se revelaria simultaneamente a 600.000 chefes de famílias? Ou iria Ele prosseguir ao longo das eras subsequentes da história de Israel, fazendo trovejar sua própria voz do céu como fez no Sinai?

O povo de Deus experimentou pessoalmente fortes emoções a esse respeito. Suplicaram a Moisés: dá-nos um substituto para esta aterradora experiência de ouvir a voz trovejante de Deus (Dt 18.16). Em resposta à solicitação do povo, Deus providenciou um mediador profético e estabeleceu um ofício profético. Um homem receberia a Palavra de Deus no monte e subsequentemente intermediaria a palavra ao povo que lá embaixo tremia. Foi assim que a profecia teve sua origem.

Diversas conclusões importantes podem ser extraídas acerca da natureza da profecia bíblica como uma consequência das circunstâncias em torno de seu estabelecimento. As origens da profecia revelam questões de importância constante acerca da essência do fenômeno.

a. *A voz, frágil e simples do profeta, substitui todos os sinais apavorantes do Sinai*. A voz trovejante de Deus, os relâmpagos, o fogo, a fumaça, o terremoto, o clangor de trombeta aumentando cada vez mais – todos esses fenômenos assustadores encontram seu substituto na voz de um único israelita falando no meio de seus irmãos. A despeito de seu tom relativamente manso, cada palavra do profeta flui como sendo a própria voz de Deus.

b. *A origem da palavra genuinamente profética não será encontrada nas experiências subjetivas de um homem*. O profeta não sofre de alucinação quando declara: "Assim diz o Senhor". A própria Palavra de Deus vem ao encontro do profeta, e o seu veículo de comunicação é a própria voz do homem propositalmente escolhido. É Deus, e não as ex-

periências subjetivas de alguém, quem determina a palavra profética.

c. *A palavra do profeta não é primariamente preditiva em sua natureza*. A tarefa primordial de Moisés, ao entregar a lei no Sinai, não era predizer o futuro, e, sim, declarar a vontade revelada de Deus. Nem sequer uma única predição é encontrada nas "dez palavras", o coração da revelação comunicada através de Moisés.

É preciso entender corretamente a distinção comum entre a "proclamação" da palavra profética e a "predição" do futuro pelo profeta. Desde o início, a "proclamação" da Palavra de Deus foi justamente tanto uma revelação da infalível, inerrante e perfeita Palavra de Deus quanto sua "predição" do futuro. Não é simplesmente o caso que a proclamação do profeta sobre vários assuntos do dia fosse um tipo de "pregação" com autoridade reduzida, enquanto que sua "predição" do futuro fosse inspirada, inerrante e infalível em seu caráter.

Na realidade, a essência do profetismo é sempre definida na Bíblia em termos dessa "proclamação" da própria Palavra de Deus, esteja aí envolvida ou não uma predição do futuro. Ocasionalmente, o profeta podia predizer um evento futuro. Obviamente, esse tipo de percepção podia ocorrer somente por revelação divina. Mas a essência da profecia não era determinada pelo elemento preditivo, e, sim, pela natureza da alocução do profeta como sendo a própria Palavra de Deus.

Geerhardus Vos trata desse tema em seu artigo intitulado "A ideia de cumprimento da profecia nos evangelhos". Com respeito à natureza da profecia, diz ele:

> "Em conexão com o precedente (a ideia de cumprimento da profecia), pode suscitar-se a seguinte pergunta: Qual é precisamente a força do "pro" no termo designativo "profeta"? "Pro-

> feta" significa "vaticinador", ou significa "proclamador", isto é, "aquele que fala em seguida a palavra a ele revelada por Deus"? No hebraico, *nabhi* encontra expressão no último, e é, por assim dizer, uma circunstância não expressa de que a palavra proclamada em muitos casos acaba sendo uma 'predição'."(1)

Profecia não deve ser definida essencialmente como uma predição do futuro. Ao contrário, ela é uma proclamação de uma revelação divina que ocasionalmente pode também envolver a predição de eventos futuros.

> Essa perspectiva sobre a essência da profecia é importante para a avaliação da questão da continuação da profecia em nossos dias. Obviamente, ninguém pode predizer infalivelmente as condições específicas de um evento futuro, como foi o caso da profecia bíblica, a menos que tenha experimentado uma revelação direta da parte de Deus. Mas é igualmente verdade que ninguém pode "proclamar" a Palavra de Deus no sentido profético sem experimentar uma revelação direta de Deus. Seja como um "vaticinador" ou como um "proclamador", o profeta terá comunicado a revelação da parte de Deus. Se uma pessoa afirma que a profecia bíblica continua hoje em qualquer uma de suas formas básicas, deve-se esclarecer que tal pessoa está expressando a convicção de que a revelação continua hoje. Enquanto que um pregador contemporâneo pode exercer um ministério "profético" em seu púlpito, ele não pode "profetizar" no sentido bíblico como visto na história das origens do profetismo.

d. *Pode-se obter uma conclusão adicional com respeito à natureza da profecia com base em suas origens, como preservadas na Escritura*. O propósito supremo do pacto divino não pode ser alcançado a não ser que uma figura profética esteja entre o Senhor e seu povo.

(1) Geerhardus Vos, "The Idea of 'Fulfilment' of Prophecy in the Gospels", in Richard B. Gaffin, ed., Redemptive History and Biblical Interpretation, Phillipsburg, N.J., 1980, p. 354.

O propósito divino no pacto consistia em ser um com seu povo. Ao estabelecer uma relação pactual, o Senhor vinculou-se intimamente a seu povo. Mas essa intimidade da relação com Deus pretendida pelo pacto não pode realizar-se a não ser que um mediador profético esteja entre Deus e o povo. Enquanto um mediador não descesse do alto do monte ao povo em baixo, a unidade pactual não seria plenamente consumada.

Este ponto é realçado por Paulo em sua afirmação: "o mediador não fala da parte de apenas um" (Gl 3.20). A presença de um mediador implicitamente pressupõe uma separação de pessoas entre si. A não ser que Deus mesmo fosse o próprio mediador da palavra divina, não seria possível cumprir-se a unidade de comunhão pretendida pelo pacto. Então a necessidade da obra intermediária da figura profética desapareceria.

Essa perspectiva sobre o propósito final do profetismo é confirmada pelo testemunho dos documentos do novo pacto. O escritor da epístola aos Hebreus fala da finalidade da revelação profética como encontrada em Jesus Cristo. Deus falou previamente de muitas e diferentes maneiras, através de muitos e diferentes mediadores proféticos. Mas Ele agora tem falado definitivamente pela mediação do Filho (Hb 1.1). Quando a revelação profética viesse diretamente pela mediação de Jesus Cristo, então o propósito principal do pacto teria sido concretizado. Experimentar a revelação de Deus através do Filho significa ser um com o próprio Deus.

2. Passagens Fundamentais Sobre Profecia no Velho Testamento

O contexto histórico da origem do profetismo em Israel fornece um firme fundamento para a compreensão da verdadeira natureza da profecia e como a mesma se manifesta

na história subsequente. Tal compreensão encontra importante elucidação em várias outras passagens fundamentais acerca da profecia no Velho Testamento. Esse antecedente do antigo pacto é essencial para uma apreciação do papel do profetismo no novo pacto. Consideremos as seguintes passagens:

a. *Êxodo 7.1-2:* "Então disse o Senhor a Moisés: Eis que te tenho posto como Deus a Faraó, e Arão, teu irmão, será o teu profeta. Tu falarás tudo o que eu te mandar; e Arão, teu irmão, falará a Faraó, que deixe ir os filhos de Israel da sua terra" (NVI).

> Nesta passagem, Moisés é como se fosse Deus, Arão é o seu profeta e Faraó é o recipiente da palavra profética. Ainda que a Palavra de Deus, originando-se com Moisés, seja intermediada por Arão, ela não chega a Faraó com autoridade reduzida. A terra de Faraó é devastada em decorrência de não ter ele dado ouvidos à palavra infalível e inerrante de Deus, comunicada por intermédio de Arão, que serve como "profeta" de Moisés. A mediação de modo algum reduz a autoridade da palavra profética.

b. *Êxodo 4.15-16*: "Tu, pois, lhe falarás, e porás as palavras em sua boca. E eu serei com a tua boca e com a dele, e eu vos ensinarei o que haveis de fazer. E assim ele [isto é, Arão como profeta de Moisés] falará por ti ao povo. E ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus" (NKJV).

"Boca a boca": frase descritiva que sublinha a mediação da relação que existe entre a Palavra de Deus e a palavra profética. A revelação divina sai diretamente da boca de Deus para a boca do profeta. A palavra do profeta é a própria Palavra de Deus. Deus não comunica sua revelação ao profeta "pensamento a pensamento", ou "mente a mente", e, sim, "boca a boca". O profetismo, por definição, não se preocupa meramente com a recepção da Palavra de Deus, mas também com sua comunicação. Essa descrição

do modo de comunicar a palavra profética sublinha as perfeições absolutas da alocução do profeta ao apresentar a Palavra de Deus. Através da comunicação "boca a boca", a Palavra de Deus é preservada em sua integridade, quando ela se serve do profeta como veículo.

c. *Números 12.6-7*: "Então disse [Deus]: Ouvi agora minhas palavras: se entre vós houver profeta, eu, o Senhor, a ele me farei conhecer em visão, em sonhos falarei com ele."

O paralelismo profético do texto original sublinha o caráter revelatório da mensagem que vem ao profeta:

a. *em visão*	**b**. *a ele*	**c**. *me farei conhecer;*
a. *em sonho*	**b**. *a ele*	**c**. *falarei.*

Deus tomará a iniciativa em fazer-se conhecer por meio de visão e sonho. Esse modo de comunicação divina caracterizará a experiência do profeta através das eras. A "visão" e o "sonho" do profeta têm sua origem em Deus, não na percepção humana. Apesar de o contexto indicar que o favor distintivo será conhecido a Moisés, ao falar-lhe Deus "face a face", não pode haver nenhum desconto do fato de que todos os profetas receberão sua mensagem por meio de uma experiência revelatória. Esse é o sentido de a Palavra vir através de "sonho" e "visão".

Notavelmente adequado a essa ideia de a revelação profética vir através de "sonho" e "visão" é o fato de que a profecia escrita no Velho Testamento é vividamente apresentada como algo "visto". Os escritos do profeta Isaías são descritos como uma "visão" (hazon) que ele "vira" (haza). Subsequentemente, a "palavra" (hadaver) que Isaías "viu" (haza) descreve uma mensagem particular que ele recebera (Is 2.1).

Os profetas experimentaram essa forma de revelação reiteradamente. Isaías "viu" o "peso" do Senhor (Is 13.1).

Amós e Miqueias "viram" a palavra deles vinda do Senhor (Am 1.1; Mq 1.1). Habacuque se refere a todo o seu livro como sendo um "peso" que ele "vira" (Hc 1.1). Os profetas regularmente "viam", através de "visão" e "sonho", a palavra que eles deviam comunicar.

Ao contrário desta recepção visionária da Palavra de Deus através de uma experiência revelatória, os falsos profetas comunicam o que está em seu próprio coração. Jeremias vivifica a característica mais preponderante da origem da palavra dos falsos profetas. Declara: "falam a visão de seu próprio coração, não da boca do Senhor" (Jr 23.16). A palavra do falso profeta é oriunda das maquinações de seu próprio coração, não da experiência visionária concedida ao genuíno profeta do Senhor.

d. *Este contraste entre o genuíno e o falso profeta prossegue na quarta passagem fundamental: Deuteronômio 13.4-5*. Em vez de dar ouvidos ao falso profeta que engendra seus próprios sonhos, Israel deve guardar os mandamentos de Deus na forma em que foram entregues por intermédio de seus profetas. A nação de Deus deve observar o caminho por onde Deus ordenou que andassem. O falso profeta "deve ser morto", porquanto tem tentado desviar Israel daquele caminho indicado por revelação, o qual devia seguir.

Em confronto com as proclamações dos falsos profetas são postos os mandamentos, ordenações e estatutos que haviam sido revelados pela instrumentalidade de Moisés e seus legítimos sucessores. O teste mais básico do profeta consiste em sua adesão à "proclamação" do que já havia recebido por divina revelação.

Os profetas não eram primariamente vaticinadores. Não importa quão espetaculares as palavras de um profeta fossem, se suas afirmações, ao contrário, contradissessem os mandamentos não-espetaculares, revelados a Moisés — o profeta por excelência — tal profeta deveria ser morto.

Esse respeito pelo caráter divino da palavra profética precisa ser transportado para o contexto do novo pacto. Como veremos, a degeneração da profecia ao nível de uma "proclamação" não-revelacional ou semirrevelacional não encontra apoio nos textos fundamentais sobre a profecia na Escritura. A profecia é uma proclamação da palavra revelatória de Deus, seja sua palavra que prediz o futuro ou que declara os mandamentos de Deus. Profecia em sua forma mais básica é uma proclamação da verdade revelatória de Deus. Predição do futuro certamente ocorrerá, mas funciona secundariamente em relação à essência da profecia.

e. *A quinta passagem fundamental sobre profecia encontra-se em Deuteronômio 18*. Esta passagem é como se fosse uma seção de uma versão hebraica de um glossário de termos (Roget's Thesaurus). Cada palavra possível descrevendo um método pelo qual os homens procuram determinar, controlar ou predizer o futuro é designada como sendo uma abominação ao Senhor. Qualquer substituição proposta para a palavra revelatória de Deus que é transmitida pela instrumentalidade de seu profeta deve ser completamente rejeitada.

Na sociedade pluralista moderna, as pessoas acham quase impossível emitir um categórico "não" a qualquer forma de expressão ou experiência fomentada numa atmosfera devocional pelos cristãos. Mas a Palavra de Deus diz "não". Uma resistência inflexível é requerida do povo de Deus com respeito a quaisquer substituições propostas para a palavra profética divinamente inspirada. Em tal caso, o povo de Deus deve pronunciar um absoluto "não". Não se deve permitir exceção alguma. Toda e qualquer forma de profecia não-bíblica deve ser categoricamente condenada. Qualquer esforço para substituir a palavra profética divinamente inspirada, pela palavra do homem falível, deve ser rejeitado.

Esta passagem declara ainda que no futuro se levantaria um "profeta" semelhante a Moisés. Esta expectativa em parte antecipa a longa história do profetismo em Israel desenvolvido depois de Moisés. Em resposta ao contínuo afluir de falsos profetas que se desenvolveria ao longo da história, o Senhor levantaria profetas genuínos para responder às suas falsas réplicas.

Todavia, o texto de Deuteronômio também parece apontar para uma figura profética singular, que se assemelharia a Moisés de uma forma distinta. A passagem não diz: "O Senhor teu Deus te suscitará profetas." Ao contrário disso, ela afirma: "O Senhor teu Deus te suscitará um profeta semelhante a mim" (Dt 18.15).

A experiência de Israel sob o comando de Moisés clama por alguém que viria e que seria maior que Moisés. Se o propósito do pacto divino é para ser realmente cumprido, então um mediador profético viria, sendo uma pessoa muito mais importante que Moisés. Por mais importante que o ministério de Moisés tenha sido, ele não empreendeu a unidade entre Deus e o povo, a qual o pacto pretendia realizar.

O profeta semelhante a Moisés, antecipado nesta passagem, falaria a palavra de Deus com tal poder que seria o ponto culminante das revelações comparadas àquelas recebidas, em forma de sombras, por Moisés. À semelhança de Moisés e seus sucessores, esse profeta futuro poderia ser rejeitado pelo povo. Todavia, por causa das garantias do pacto, ele teria êxito em seu ministério profético onde o Moisés original fracassara.

À luz de tudo isso, não surpreende encontrar o apóstolo Pedro aplicando esta passagem de Deuteronômio 18.15 diretamente a Jesus, no livro de Atos. Jesus é o "servo" (pais) que é semelhante a Moisés no sentido em que ele intermedia a palavra de Deus (At 3.22,26). Mas ele também é o "Filho" de Deus (igualmente pais) que une Deus com seu povo, cumprindo a palavra do pacto intermediada pelos profetas.

Se o próprio Filho de Deus é agora o mediador profético do pacto, então o supremo propósito do pacto se consumou. Porque receber a Palavra de Deus da parte do Filho é receber a Palavra de Deus da parte do próprio Senhor. Agora, por intermédio de Cristo, o mediador profético do pacto, que é o próprio Deus do pacto, a unidade entre Deus e seu povo, originalmente pretendida, foi estabelecida. Agora o ofício de profeta encontrará sua realização final nesta única pessoa que é o Filho de Deus e também o mediador profético do pacto. Por intermédio de sua pessoa, todos os terrores relacionados com a confrontação com Deus no Sinai estão agora removidos. O terror outrora associado com o estar na presença de Deus se evapora quando o mediador do pacto é o próprio Deus, que agora se coloca entre os homens como servo (pais) deles.

A história da realeza em Israel encontrou seu clímax em Cristo, o Rei. A história do sacerdócio em Israel encontrou seu clímax em Cristo, o Sacerdote. Assim também a história do profetismo em Israel encontra seu clímax em Cristo, o Profeta. Ele é o mediador prometido por excelência. A experiência de uma série de homens do Velho Testamento, que falaram as palavras do próprio Deus, encontra seu cumprimento em Jesus Cristo, o profeta semelhante a Moisés, que também o excedeu de todas as formas.

3. Profecia Sobre Profecia no Velho Testamento

Havendo considerado o testemunho dessas passagens fundamentais sobre profecia, esse é o momento oportuno de considerar uma passagem central do Velho Testamento que tem significação para a compreensão do fenômeno da profecia como aparece no Novo Testamento. A clássica "profecia sobre profecia", em Joel 2, liga a experiência do Velho Testamento com o fenômeno do Novo Testamento.

A palavra de Deus através de Joel declara: "Derramarei o meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão" (Jl 2.28a). Ao antecipar o futuro, Joel usa o termo idêntico para "profecia" encontrado ao longo de todo o restante do Velho Testamento. Teria essa palavra de súbito um novo significado? Estaria Joel esperando um tipo diferente de profecia daquele descrito nas passagens fundamentais já consideradas? Não. Joel mesmo elabora a significação de sua predição: "Os vossos anciãos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões" (Jl 2.28b).

Donde Joel extraiu a ideia de que a palavra profética seria comunicada através de "sonhos" e "visões"? Foi ele o inventor de tais conceitos? Não. Joel os extraiu da passagem que se encontra em Números 12, a qual tão claramente descreve a origem do profetismo nos dias de Moisés. Os termos de Joel para "sonhar sonhos" e "ver visões" são idênticos com as palavras usadas em Números 12 para descrever a comunicação de revelação através dos séculos. A linguagem de Joel também traça um paralelo com a descrição do "ver" uma "visão" que frequentemente serve como título de um livro profético divinamente inspirado.

Então, o que Joel esperava? Qual seria a experiência do povo de Deus com respeito à profecia no futuro? Joel predisse uma difundida manifestação da revelação profética no futuro. A consumação dos séculos seria acompanhada de extensas experiências revelatórias. Uma efusão sem precedente do Espírito Santo, trazendo consigo muitas novas revelações de Deus, era algo mui apropriado à glória da vinda do Messias. Os idosos "sonhariam sonhos", e os jovens "veriam visões". Ambas as frases descrevem experiências de natureza revelatória, extraídas do contexto de Números 12.

O Novo Testamento indica o cumprimento dessa "profecia sobre profecia", em inúmeras passagens. Citando Joel, Pedro declara que a predição do Velho Testamento estava cumprida na efusão do Espírito de profecia no Pentecostes

(At 2.16). Neste ponto, os jovens "veem visões" e os anciãos "sonham sonhos". A efusão do Espírito sobre os discípulos no Pentecostes não lhes causou alucinações. Não estão citando ideias religiosas extraídas da tradição de falsos profetas. Nem estão alcançando novos níveis de percepção humana. Na verdade, estão passando por experiências revelatórias. A linguagem usada reiteradamente ao longo do período do Velho Testamento agora se aplica aos profetas no contexto do novo pacto.

Esta mesma percepção de profecia prossegue através do livro de Atos. Em Atos 11.27-28, alguns "profetas" desceram de Jerusalém a Antioquia. Um deles, de nome Ágabo, "dava a entender pelo Espírito" eventos futuros. O termo traduzido "dava a entender" literalmente significa "dava um sinal". Essa terminologia relata também a experiência de Ágabo na comunicação da revelação. A profecia de Ágabo imediatamente se tornou a base para a ação concreta por parte dos discípulos em Antioquia. Ele revelou que uma terrível fome assolaria todo o mundo romano. Reconhecendo a angústia que essa fome prevista traria sobre os discípulos já sofredores na Judeia, os discípulos em Antioquia decidiram providenciar socorro, enviando uma oferta aos anciãos através de Barnabé e Saulo (At 11.29-30).

Evidentemente, essa experiência do profeta do novo pacto se ajusta ao padrão do Velho Testamento. Ágabo pronunciou sua predição em decorrência de uma experiência revelacional. De nenhum outro modo teria ele conhecimento da expansão de uma fome no futuro, senão por intermédio de uma revelação direta da parte de Deus.

O fenômeno da profecia num contexto do novo pacto aparece uma vez mais em Atos 21.8-11. Paulo e Lucas se hospedaram em casa de Filipe, o evangelista, de quem se diz ter "quatro filhas virgens que tinham o dom de profecia" (v. 9). Deve-se lembrar de que Paulo, que por meio dessa experiência conhecia em primeira mão o dom de profecia

como a que possuíam as quatro filhas de Filipe, mais tarde deu sua aprovação a que a mulher "profetizasse" na igreja (1 Co 11.5).

Qual, porém, é a natureza desse "profetizar" como praticado pelas filhas de Filipe? Os versículos imediatamente seguintes esclarecem a questão. O profeta Ágabo desce da Judeia e fala em termos revelacionais, pelo poder do Espírito Santo. Ele prediz que Paulo seria preso em Jerusalém, o que naturalmente ninguém poderia saber a não ser pela comunicação revelatória da parte de Deus. Uma vez mais faz-se evidente que a ideia de "profeta", no Novo Testamento, é a mesma ideia de "profeta" no Velho Testamento. Somente através de uma revelação direta da parte de Deus poderia Ágabo ter conhecido que Paulo estava para ser preso em Jerusalém.

É neste contexto que o papel das mulheres como "profetisas" na igreja do Novo Testamento seria considerado. Uma mulher podia ser considerada como "profetisa" se ela funcionasse como instrumento da revelação divina. Se a revelação continuasse até hoje, então se poderia esperar que as mulheres, tanto quanto os homens, pudessem legitimamente "profetizar" na igreja de hoje. Voltaremos a este ponto mais adiante.

Essas referências à profecia em Atos fornecem testemunho concernente às reais experiências tanto de Pedro quanto de Paulo no campo do dom de profecia no contexto do novo pacto. Como tais, elas fornecem um pano de fundo natural para o tratamento explícito do tema da profecia por meio desses dois apóstolos chave.

4. O Testemunho de Pedro e Paulo Concernente à Profecia

Pedro, explicitamente, aborda a profecia no último de seus escritos. Ele reconhece a importância de suas observações,

como a própria nota introdutória o indica: "sabendo primeiramente isto", diz ele (2 Pe 1.20-21). Ele pretende discutir um assunto de grande relevância.

Pedro, aqui, declara que "nenhuma profecia da Escritura provém da própria interpretação pessoal do profeta" (NIV). A palavra profética comunica a verdade de Deus que de outra forma não poderia ser conhecida. A percepção humana não pode gerar essa compreensão da vontade divina. "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homens, mas os homens da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo" (2 Pe 1.21).

Pedro não trata a profecia como se a mesma fosse equivalente à intensidade da percepção. Ao contrário, ele descreve a experiência da revelação divina. Segundo Pedro, todas as experiências proféticas autênticas participavam desse mesmo caráter. Não há exceção. Nenhuma profecia autêntica era comunicada "pela vontade do homem". Toda profecia autêntica era comunicada pela revelação do Espírito de Deus. Mais particularmente, Pedro identifica essa experiência revelacional com as palavras que os profetas falavam, e não apenas com as palavras que os profetas escreviam. A experiência revelacional dos profetas não era limitada aos escritos canônicos. Tudo o que era comunicado através deles, na forma de "profecia", era a própria Palavra de Deus, fosse falada ou escrita.

Esses santos homens de Deus falavam como se fossem "arrastados [ou impelidos]" pelo Espírito Santo. B. B. Warfield formulou a explicação clássica desta frase:

> "O que essa linguagem de Pedro enfatiza... é a passividade dos profetas com respeito à revelação comunicada por intermédio deles. Essa é a significação da frase: 'Foi como que impelidos pelo Espírito Santo que homens falaram de Deus.' Ser 'impelido'... não é o mesmo que ser levado... muito menos ser guiado ou dirigido... Aquele que é 'impelido' não contribui absoluta-

> mente em nada para o movimento de indução, mas é apenas o objeto a ser movido."(2)

Eram "impelidos para frente" pelo Espírito Santo, como um navio é impulsionado pelo vento. Pedro enfatiza que não há exceção para esse fenômeno quando o relaciona com a profecia. Toda profecia é dessa natureza. Homens santos de Deus falaram quando foram "impulsionados" pelo Espírito Santo.

A apresentação que Pedro faz da experiência profética encontra total apoio na descrição de Paulo. Em Efésios 3.2-3, Paulo declara: "Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como pela revelação me foi manifestado o mistério, conforme acima em poucas palavras vos escrevi." O Novo Testamento consistentemente apresenta um "mistério" como sendo uma verdade relativa ao programa redentivo de Deus, outrora oculto, mas agora revelado. Esse "mistério" foi agora "revelado" pelo Espírito Santo aos santos apóstolos e profetas de Deus (Ef 3.5). Os dois ofícios de apóstolo e profeta são enfeixados como um veículo da revelação divina. Esses extraordinários ofícios foram os instrumentos pelos quais Deus fez conhecida sua revelação no contexto do novo pacto. A substância desse "mistério", outrora oculto, porém agora revelado, consiste em que os gentios são coerdeiros, coparticipantes, juntamente membros do corpo de Cristo (Ef 3.6).

É muito interessante que Paulo não fale acerca de uma predição do futuro quando se refere ao "mistério" que fora "revelado". Ao contrário, ele descreve o discernimento acerca da teologia da igreja. Ele declara que a "proclamação" dos apóstolos e profetas era de caráter revelacional. A verdade básica que ensinaram sobre o papel dos gentios na igreja

(2) Benjamin Breckenridge Warfield, "The Biblical Idea of Revelation", in Revelation and Inspiration, Grand Rapids, 1981 reprint, p. 23.

não era uma predição acerca do futuro, mas uma declaração divina acerca do presente. Não obstante, ela era evidentemente considerada como "profética" em sua natureza.

A mais perfeita elaboração de Paulo sobre a manifestação da profecia no novo pacto encontra-se em 1 Coríntios 14. Os versículos 29 a 33 desse capítulo têm particular relevância para a questão da natureza revelatória da profecia no novo pacto. Nos versículos imediatamente precedentes, Paulo declara que os serviços cúlticos da igreja devem ser ordenados para facilitar o funcionamento adequado da multiplicidade dos dons. "E falem os profetas, dois ou três, e os outros julguem" (v. 29). Os "outros", evidentemente, é uma referência a outros profetas. Mas, que "discriminação" é essa que deve ocorrer em conexão com o exercício do dom desses profetas?

A Nova Versão Internacional expande a palavra "discriminar" (a qual ela traduz como "ponderar cuidadosamente"), adicionando a frase "o que é dito". A suposição dos tradutores é que a "discriminação" a ser vertida pelos profetas tem a ver com as palavras que foram faladas. Mas tal suposição ignora o uso regular que o Novo Testamento faz da palavra "discriminar".

O termo grego, diakrino, contém o significado básico de "separar, dividir, fazer distinção". É usado com mais frequência para fazer distinção entre pessoas. Se guardarmos em nossa mente este uso regular do termo para "discriminar", pode-se chegar a uma compreensão muito precisa do uso do termo como encontrado em 1 Coríntios 14.29. "Que falem dois ou três profetas, e que os outros [profetas] discriminem." Evidentemente, um juízo deve ser expresso. Mas o juízo não é acerca das palavras que são expressas pelos profetas. Ao contrário, deve-se fazer discriminação entre pessoas. Alguém teria que determinar quem dentre os profetas falaria e quem não falaria. Tal responsabilidade é confiada aos profetas, que manteriam a ordem entre os do

seu próprio número. Mesmo a alocução de palavras inspiradas deveria ser exercida numa estrutura de ordem.

Paulo assegura a seus leitores que todos os profetas terão, afinal, oportunidade de falar (v. 31). Ele, porém, lhes recorda também que tudo deve ser feito com decência e ordem. Porque, mesmo o espírito dos profetas está sujeito aos profetas (vv. 32, 33, 40). Portanto, a discriminação nesta passagem se refere a uma distinção em decorrência da ordem entre os profetas, não acerca das palavras dos profetas. É possível que alguém tivesse que esperar até um "segundo culto".

Mas todos eventualmente terão a oportunidade de transmitir a revelação que lhe foi concedida por Deus. Igualmente crítica, para a compreensão desta passagem, é a palavra "revelação". Uma "revelação" vem primeiramente a um, e então uma outra "revelação" vem a outro (v. 30). Essa referência à "revelação" se encontra entre versículos concernentes à experiência da "profecia" (vv. 29, 31). Alguns autores mais recentes supõem que essa "revelação", na verdade, não é de forma alguma uma revelação. Ao contrário, acreditam que é algo menos do que uma "profecia" de caráter revelacional, como o termo é compreendido em outros lugares na Escritura. A sugestão é que esse fenômeno pode muito bem ser designado como uma "revelação não-revelacional". É revelação procedente de Deus, é uma alocução profética, mas um pouco menos do que o clássico fenômeno da profecia.

Mas uma tal análise da intenção da Escritura afasta-nos das palavras da Escritura. O contexto como um todo pressupõe a experiência profética "normal" de receber e comunicar uma palavra inspirada do Senhor. A primeira carta aos Coríntios foi composta numa época em que muito pouco do Novo Testamento havia sido composto. A igreja daquele tempo necessitava de uma palavra autoritativa proveniente do Senhor para direcionar o padrão de sua vida

sob o novo pacto. Muito provavelmente nenhum dos manuscritos inspirados do Novo Testamento estava disponível aos coríntios nesse ponto da história.

É quase certo que a referência em 1 Coríntios não era a uma "iluminação" das Escrituras do novo pacto ou da verdade do novo pacto já conhecida deles.(3) Ao contrário, a igreja de Corinto recebeu "revelações" autoritativas, infalíveis e inerrantes das verdades da era do novo pacto através do multiforme exercício do dom de profecia. A experiência profética que trouxera a palavra de Deus à comunidade do velho pacto agora comunicava a verdade acerca dessa nova era ao povo de Deus do novo pacto. Visto que Deus estava agora manifestando as maravilhas das realidades do novo pacto, não causa surpresa que uma multiforme exibição do dom profético ocorresse em Corinto.

Argumentarei nos capítulos posteriores que a introdução do conceito de uma "revelação não-revelacional" poderia ser algo extremamente danoso quando aplicado às alocuções proféticas. Pois se uma alocução profética pode ser designada como uma "revelação não-revelacional", então qualquer palavra da profecia pode eventualmente ser declarada uma "revelação não-revelacional". Finalmente, o caráter revelacional da própria Escritura poderia ser redefinido nesses termos confusos.

Um grande perigo também está em outra direção se aceitarmos este conceito de uma alocução profética como sendo a palavra de Deus, e não obstante ele seja algo menos que a perfeição de sua palavra associada à profecia bíblica. Uma pessoa, em certo sentido, se faz sujeita a uma palavra que supostamente é imediatamente inspirada por Deus, e não obstante, ao mesmo tempo, por sua própria definição, participa da falibilidade humana. Ainda que ela saiba que essa alocução supostamente "profética" é falível, deve o crente ser-lhe totalmente submisso como se ela viesse di-

(3) Tradição oral (N. do E.)

retamente de Deus? Ou deve ele resistir submeter-se a essa palavra que vem imediatamente de Deus por saber ser ela falível?

Estamos antecipando o que será discutido a seguir de uma forma mais plena, quando afirmamos que este conceito de profecia, como está sendo proposto hoje na igreja, cria uma situação intolerável, um dilema envolto em confusão, que destrói o significado da obediência incondicional à palavra de Deus. Ele não condiz com o ensino da palavra de Deus, e é potencialmente capaz de solapar o fundamento básico de uma vida de obediência confiante à revelação dos profetas de Deus. Ele destrói a distinção necessária entre o genuíno e o falso profeta, bem como transforma os membros do povo de Deus em vítimas indefesas do erro mesclado com a verdade.

5. Conclusão

A história do profetismo recua ao tempo de Moisés. Desde os seus dias, Deus tem se revelado consistentemente a seu povo através do fluxo dos profetas que ele prometera a Moisés. A garantia da palavra profética capacitou o povo a resistir às pretensões dos falsos profetas em seu constante fluxo ao longo da história de Israel. Joel, evocando as experiências dos profetas dos tempos mosaicos mais remotos, predisse que a comunidade do novo pacto desfrutaria do mesmo tipo de revelação profética. Os apóstolos Pedro e Paulo, por seu turno, aplicaram essas mesmas descrições à palavra profética de seus próprios dias. À luz do testemunho bíblico concernente à natureza da profecia, podemos propor várias conclusões.

1. *Em primeiro lugar*, o ponto de partida de qualquer discussão acerca da profecia hoje deve começar com a longa história do caráter revelacional desse dom do Espírito.

Ao longo das eras do antigo e do novo pacto, Deus permanece como o originador da genuína palavra profética.

2. *Em segundo lugar*, deve-se ter em mente a advertência da Escritura concernente aos perigos da falsa profecia. Se é verdade que a revelação completou-se com a perfeição das Escrituras do Novo Testamento, então a profecia como o principal dom revelacional já cessou. O pregador moderno pode ser "profético" em seu ministério justamente como pode ser "apostólico". Mas ele deve precaver-se em reivindicar para si mesmo seja a experiência revelacional do profeta, seja a posição fundamental do apóstolo. Muitos são os casos, tanto antigos quanto modernos, de vidas seriamente danificadas por reivindicar impropriamente uma proclamação profética.

3. *Em terceiro lugar*, o testemunho bíblico concernente à profecia tem um efeito crítico sobre a questão do papel das mulheres na igreja. O texto primordial que apóia as mulheres falarem no culto faz referência ao seu "profetizar" (1 Co 11.5). Se "profetizar" significa falar de forma revelacional, então o papel das mulheres na igreja hoje está claro. Somente enquanto o dom revelacional de profecia permaneceu vivo na igreja podiam as mulheres servir como instrumentos da palavra divina. Mas se a palavra profética de Deus encontrou sua perfeição no complemento das Escrituras do novo pacto, então o papel das mulheres como instrumentos da revelação divina agora cessou.

As questões suscitadas pelo tema da profecia não são de pouca importância. São críticas à saúde, ao bem-estar e à própria ordem da igreja de Jesus Cristo hoje. Que a igreja cuide para que todas as coisas sejam feitas com decência e ordem, em consonância com os ensinamentos das Escrituras proféticas.

A Palavra Final

RESPOSTA BÍBLICA À QUESTÃO DAS LÍNGUAS E PROFECIAS HOJE

VISITE-NOS
OS-PURITANOS.COM

Tem-se ressoado no seio das Igrejas, pelo mundo afora, um forte apelo para que se estabeleça um culto novo e dinâmico. Ecoa-se um grito generalizado contra as "velhas formas". O anseio é por liberdade, por participação geral e pela experiência de Deus falando a seu povo aqui e agora. Constitui-se poderosa força na produção desse fermento a reivindicação de que a Igreja deve voltar aos padrões de culto vistos em 1 Coríntios 14. Há quem defenda a tese de que haveria grande vantagem se a ênfase bíblica da Reforma Protestante fosse amalgamada com a vitalidade do movimento pentecostal moderno.

O Dr. O. Palmer Robertson, pastor, doutor e mestre em teologia (ora servindo como Diretor da African Bible University em Kampala, Uganda) não se preocupa aqui em defender o que se chama de "tradicional"; sua tese é que se deve sempre discutir as diferenças existentes entre os cristãos. Ele, porém, procura mostrar, à luz da Escritura, que o apelo moderno para os dons, tais como profecia, em vez de apontar o caminho para um cristianismo bíblico, na verdade representa um fracasso em apreender a plenitude dos privilégios do Novo Testamento. Particularmente valiosa é sua discussão dos pontos de vista amplamente expostos por Wayne Grudem, sobre a existência de profecia na Igreja Contemporânea.

ISBN 978-85-62828-28-7

OS-PURITANOS.COM